

DIDÁTICA, ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS (SD): algumas anotações

*Jilvania L. S. Bazzo*¹

Eixo temático: 8. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Parte-se da constatação que as pesquisas em torno do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, os seja, alfabetização e letramento, na perspectiva das sequências didáticas precisam ser problematizadas. Discute-se a necessidade de planejar o ensino da leitura e da escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental, pautado no campo da Didática, por meio das seguintes questões: O que isto significa alfabetizar e letrar? O que quero dizer quando destaco que este trabalho se inscreve no campo da Didática? O que é o ensino? Ensinar é transmitir conhecimento? Quem ensina? A quem se ensina? O que se ensina? Para que se ensina? Onde se ensina? Quando se ensina? E, finalmente, como se ensina a ler e a escrever? Concluimos, ancorados em Freire, que é por meio da palavra que ampliaremos a leitura do mundo, sem ela, nossa leitura pode ser aprisionada, pode nos aprisionar, pode nos tornar cativos de uma cultura de subserviência, colonizada, opressora, conseqüentemente oprimida, porque subalterna. Reconhece-se a escola de educação básica como um espaço de formação de professores, parte inegociável neste debate.

Palavras-chaves: Didática; Alfabetização e Letramento; Sequência Didática; Planejamento; Formação de Professores.

¹ Doutora em Educação. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFSC, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada à área de Didática. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e suas Multidimensões - GEPDIM. E-mail: jilvania.bazzo@ufsc.br

Introdução

No campo da formação de professores, as pesquisas em torno do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na perspectiva das sequências didáticas ainda não têm a visibilidade necessária. Infelizmente, quando se trata da alfabetização e letramento, o problema se evidencia ainda mais. Neste trabalho, há um esforço de reunir algumas das principais contribuições teóricas sobre o ato decisório da atividade docente: planejar por meio da sequência didática (SD).

Com foco no processo de alfabetização e letramento, enfatizo a necessidade do exercício de pensar o planejamento do ensino da leitura e da escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental, pautado no campo da Didática. O que isto significa – o ensino? O que quero dizer quando destaco que este trabalho se inscreve no campo da Didática? Ora, a Didática (não) é o ensino? Mas, o que é o ensino? Ensinar é transmitir conhecimento? Quem ensina? A quem se ensina? O que se ensina? Para que se ensina? Onde se ensina? Quando se ensina? E, finalmente, como se ensina a ler e a escrever – como se alfabetiza? Eis aí o fundamento da nossa perspectiva. Ela é filosófica e epistemológica. Problematizadora, portanto, questiona a prática, sobre o conhecimento e a relação entre quem ensina e quem estará na condição de aprendiz. Questiona e reflete sobre as ações dos/as professores/as como profissionais da educação. (BAZZO, 2020)

Importante afirmar que a nossa formação institucional, de fato, começa na graduação, nos cursos de licenciatura, porém a nossa constituição, a identidade e sentimento de pertença a esta profissão já se inicia muito antes. Ela se dá na escola básica, por meio dos modelos internalizados de professoras e professores que temos e carregamos dentro de nós e iremos reproduzir apesar de (livros, discussões teóricas, debates, produções de artigos, conferências, leituras, correções etc), assim como na família e/ou em outros espaços sociais de convivência humana, como igrejas, salões, terreiros e templos, onde ocupamos o lugar da professora ou do professor ministrando cursos ou transmitindo conhecimentos, saberes e informações.

Ao retornarmos para a escola como profissionais em permanente estado de formação, haveremos de compreender que esse lugar de produção de discursos é lócus também de nossa constituição como docentes. Reconhecer, portanto, a escola de educação básica como um espaço de formação de professores se torna parte

inegociável neste debate.

Os modelos internalizados de professor/a farão parte de nossa trajetória como (futuras/os) docentes da educação básica ao ensino superior. Quando romperemos com esses modelos? E devemos romper com eles? Penso que precisamos ensaiar e experienciar uma **Pedagogia da Autonomia** (FREIRE, 1996). Ademais, cada um/a de nós precisará fazer um exercício individual e coletivo para analisar os efeitos desses modelos internalizados e decidir com vistas à transformação do ensino e das relações pedagógicas desse processo como um todo, pautados em teorias e práticas docentes já disponíveis como um acervo vivo.

Finalmente, cabe registrar que se trata de uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório cujo objetivo contribuir com o debate em torno do processo de alfabetização e letramento pelo viés das sequências didáticas.

2 Fundamentação teórica, resultados e discussão

Considerando que o nosso foco de atenção é a alfabetização e o letramento, precisamos nos perguntar: quais efeitos produziram em nós do ponto de vista da relação com a leitura do mundo, como diz Paulo Freire, ponto de partida do trabalho docente? E em relação com a leitura da palavra? Como diz Freire, é por meio da palavra que ampliaremos a leitura do mundo, sem ela, nossa leitura pode ser aprisionada, pode nos aprisionar, pode nos tornar cativos de uma cultura de subserviência, colonizada, opressora, conseqüentemente oprimida, porque subalterna.

E a escrita? Qual a nossa relação com a escrita? Basta um exercício simples com cada um/a de nós para sabermos sobre as nossas memórias, as lembranças afetivas e os efeitos até o presente momento do processo de alfabetização. Foram mais risos, brincadeiras ou mais lágrimas, gritos, frustrações?

2.1 Didática, alfabetização e letramento: ou sobre o planejamento

No livro **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** (2011, p. 29), Paulo Freire afirma que um dos aspectos centrais no processo de alfabetização é o movimento dinâmico entre a leitura do mundo e a leitura da palavra. Para ele,

a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de 'escrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2011, p. 30)

É sobre essa experiência que precisamos tratar: a imbricação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra escrita, ou dito de outro modo, a leitura e a escrita como uma atividade de **uso social** (atenção: prática social). Precisamos compreender como ocorre o processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabético (atenção: esse processo é a alfabetização). Entender que precisa acontecer em situações de leitura e escrita em uso social, quando anotamos a opinião do/a colega, ou seu número de telefone, um recado, uma receita ou lemos para ele/a um poema, ou a placa de trânsito, ou a bula de um remédio etc (atenção: esse processo é o letramento).

Corroborando o pensar freiriano sobre a relação indissociável entre dizer sobre o mundo e transcrevê-lo para transformá-lo, Magda Soares em videoconferência realizada no dia 31 de julho de 2020, pela ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística, com o tema **Alfabetização e Letramento: teorias e práticas**, defendeu que:

- 1- a alfabetização não é uma questão de método, mas de como orientar a aprendizagem da criança ao longo de seu desenvolvimento linguístico e cognitivo;
- 2- o processo de aprendizagem da língua escrita envolve alfabetização (aprendizagem do sistema alfabético) e letramento (aprendizagem dos usos sociais desse sistema) simultaneamente;
- 3- a alfabetização e o letramento são processos distintos, mas indissociáveis que são estudados por várias teorias e se baseiam em muitas evidências científicas;
- 4- é necessário incorporar à produção linguística sobre a língua escrita a prática das/os professoras/es. (SOARES, 2020, s/p)

A partir dessas contribuições e se entendemos que a leitura e a escrita são práticas sociais, o processo de alfabetização ocorrerá em situações de aprendizagem que imitem a realidade. O que isto significa? Significa que as/os estudantes estarão imersas/os em contextos e situações de interlocução e produção de textos orais, escritos e híbridos com sentido tanto para quem o produz quanto para quem o texto se destina. Afinal, quem escreve, escreve o que, sobre alguma coisa e endereçadas para pessoas reais, localizadas no seu tempo histórico e na sua cultura. Até mesmo

poetas e artistas produzem Arte endereçada para crianças ou adultos. Acontece que a linguagem artista é insubordinada, atrevida e não obedece a regras. Ela que as inventa, cria os padrões, denuncia os absurdos dos tufões, antecipa as tempestades e, às vezes, as impede. E nós precisamos dela para continuar sobrevivendo. Mas, essa é outra história. Retornemos à Didática das sequências do ensino da leitura e da escrita.

Compreendemos até aqui: a Didática é o campo do conhecimento que questiona a prática docente: como se ensina? Onde? Quando? Quais instrumentos? O que se ensina? Para quem? Por quê? Para quê? Proponho que façamos o seguinte exercício. Como se alfabetiza? Onde? Quando? Quais instrumentos...?

Compreendemos também, pautados em Freire (2011), Magda (2016; 2017; 2020) e Bazzo (2020; 2019; 2015) que há uma imbricação entre o movimento de ler o mundo, a experiência acumulada, o saber adquirido e a palavra já internalizada, a palavra dita, a **palavra sonora**, a palavra “invisível” e a palavra visível, a **palavra escrita**.

Onde estão estas palavras, visíveis e invisíveis, faladas e escritas? Sobre essa discussão, sugiro a leitura de um texto de minha autoria, publicado na Revista Perspectiva, intitulado **A oralidade na formação linguística do professor alfabetizador** (BAZZO, 2015). Nele, argumento que a linguagem oral é dotada como material físico para o trabalho de representação da escrita, sendo a reprodução da fala priorizada nesse processo em detrimento de seu patrimônio cultural.

Ao problematizar essa questão, fundamentada numa perspectiva social, histórica, dialógica e ideológica da linguagem, discuto sobre a cultura oral e a oralidade como objetos de trabalho e de pesquisa imprescindíveis para a formação linguística do/a professor/a. Para aprofundar os estudos, existe um acervo digital com entrevistas e vídeos de pesquisadores/as da área da linguística textual, da teoria do discurso e do gênero, dos (multi)letramentos entre outras, que nos auxiliam nessa jornada de ser alfabetizador/a. (FARACO, 2016/ 2020; FIORIN, 2019; GERALDI, 2020; ROXANE, 2019; 2016).

Há ainda o trabalho da Profa. Dra. Liane Castro de Araujo (UFBA), nas seguintes páginas do Facebook: Oficinas de Alfabetização (Liane Araujo) e o LAP – Laboratório de Acervos e Práticas da Faculdade de Educação da UFBA <https://www.facebook.com/LAPFACED>. A referida professora vem desenvolvendo

pesquisas e ações de ensino e extensão sobre o aprendizado da leitura e da escrita, com foco nas interações e na atividade de brincar das crianças como princípios e como eixos do trabalho pedagógico. (ARAUJO, 2016).

Isto posto, considerando que o ensino da leitura e da escrita nesta perspectiva exige uma **Pedagogia da autonomia** (FREIRE, 1996), nossa conversa sobre as sequências didáticas parte da seguinte premissa básica: o planejamento sustenta a relação pedagógica e contribui para a construção dos sentidos entre os sujeitos dessa relação. O ato de planejar solicita de cada um/a de nós respostas para aquelas questões basilares as quais tratamos no início. Já sabemos, por exemplo, que os sujeitos de aprendizagem são pessoas em processo de alfabetização, portanto, não são usuárias da linguagem escrita e nós, professoras e professores, responsáveis pelo seu aprendizado, vamos ensinar. Por onde começa o trabalho docente? Como disse antes, pelo planejamento.

2.2 Didática, planejamento e sequência didática

No capítulo dez, intitulado **O planejamento escolar**, José Carlos Libâneo (2013) apresenta a relação indissociável entre o projeto de escola (plano de escola ou projeto político pedagógico), o plano de ensino, que é um roteiro sobre organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre e, finalmente, o plano de aula, que é um detalhamento do plano de ensino. Aqui, o foco será sobre o plano de aula, tendo em vista que nele se materializa a sequência didática. Importa destacar ainda que, de acordo com autor, necessitaremos de mais de uma aula para a realização de uma sequência didática.

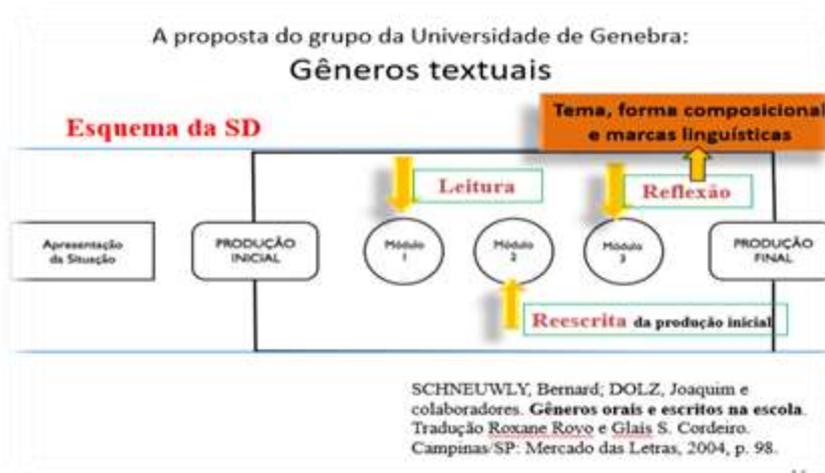
Difícilmente completamos numa só aula o desenvolvimento de uma unidade ou tópico de unidade, pois o processo de ensino e aprendizagem se compõe de uma sequência articulada de fases: preparação e apresentação de objetivos, conteúdos e tarefas, desenvolvimento da matéria nova, consolidação (fixação, exercícios, recapitulação, sistematização) aplicação, avaliação. Isto significa que devemos planejar não uma aula, mas um conjunto de aulas. (LIBÂNEO, 2013, p. 267).

Há alguns exemplos sobre a possibilidade de planejar uma sequência didática no texto que escrevi em coautoria com a professora Ezra Alberto Chambal Nhampoca, intitulado **Didática da leitura e da escrita: ou para construir conversas sobre estrelas**. Nele, discutimos sobre a concepção de alfabetização e da relação entre

ensino, linguagem e escola defendidas por Magda Soares (2016; 2017). A alfabetização é um processo, sim, sistemático e explícito da sua faceta linguística, em que a professora ou o professor cria situações didáticas para ajudar a criança ou o jovem, adulto ou idoso a compreender o princípio alfabético, a operá-lo e a se apropriar do sistema alfabético de escrita e de suas convenções por processos distintos daquele pelo qual ela ou ele se apropriou da cadeia sonora da fala. Trabalhamos para evidenciar, portanto, que a alfabetização é uma prática “que requer que o aluno adquira competências específicas para que possa se apropriar do conteúdo lido de forma a significá-lo e ressignificá-lo no seu dia-a-dia” (RANGEL e MACHADO, 2012, p. 2 apud BAZZO e NHAMPOCA, 2009, p. 318).

Destacamos, fundamentadas em Soares (2016), que a alfabetização é um processo complexo envolve três facetas distintas e indissociáveis: a linguística, a interativa e a sociocultural. Além disso, observamos que no trabalho docente algumas questões precisam ser equacionadas quando se trata do aprendizado da leitura e da escrita e da literatura, especialmente no que diz respeito às interações humanas. (BAZZO e NHAMPOCA, 2009). Por tanto, a partir dessa perspectiva teórica, as sequências didáticas nos planos de aula apresentam os objetivos e o desenho do trabalho pedagógico atrelados à avaliação, conforme destaca Libâneo em sua obra.

Outra abordagem pedagógica a ser examinada é aquela apresentada pelos estudos de Schneuwly e Dolz (2004), conforme quadro a seguir demonstrado:



Fonte: acervo da autora (2017)

Para a efetivação da aprendizagem, o planejamento do processo de ensino levará em conta as seguintes etapas:

Módulo 1: toma-se a situação de comunicação e a produção de texto como pontos de partida para iniciar o trabalho com a leitura do gênero textual e da temática escolhidos. **Módulo 2:** reescrita da primeira produção textual, tendo como base a leitura e os diálogos realizadas dos textos selecionados. **Módulo 3:** levando-se em conta a temática e a forma composicional selecionadas, será feita uma análise dos recursos linguísticos, tais como: modalizadores, dêiticos, utilização de elementos coesivos, tanto referenciais quanto sequenciais, escolha de tempos verbais, lexicais, dentre outros elementos verbais, não verbais. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004)

Serão realizados, portanto, os estudos dos elementos linguísticos e extralinguísticos, sendo o texto um objeto cultural com sentido resultante do encontro entre leitor e texto, que foram de algum modo tocados e também são condicionados pelos contextos e situações de sua produção. Nesse último módulo, a variação linguística poderá ter um capítulo de relevância ímpar, afinal será por meio do conhecimento da diversidade da língua (geografia linguística e variação social) que poderemos evitar práticas de violência simbólica e os estereótipos, assim como vencer os estigmas sociais, não somente em relação às concordâncias verbais, concordâncias nominais ou regências entre outros aspectos da gramática normativa ensinada pela escola.

Muitas vezes, ainda que as pessoas partilhem a mesma variedade linguística, do ponto de vista estrutural da língua, há outras nuances como a musicalidade e o ritmo que evidenciam diferentes e belas maneiras de uso social da língua portuguesa que podem gerar situações de xenofobia, quando não de racismo velado. É preciso ficarmos atentos e atentas. Para aprofundar a discussão sobre uma pedagogia antirracista, sugiro os textos de Oliveira e Candau (2010) e Oliveira (2020). Ademais, existe ainda a necessidade de exercícios de práticas de reflexão que estabeleçam relações com a intencionalidade do locutor, podendo relacionar a escolha e a constituição do gênero, sua circulação etc. A partir desse estudo, será encaminhada para a produção final do texto. Desse modo, faz-se a revisão e a publicização da versão final do texto.

Importante destacar que outras perspectivas de ensino de língua escrita pautadas na filosofia bakhtiniana e na teoria histórico-cultural, a exemplo de João Wanderley Geraldi (2010; 2003; 1997; 1996), vem apresentando as fragilidades dessa proposta centrada no gênero textual. Para Geraldi (2020), ao transformar o

gênero textual em conteúdo de ensino, volta-se a encarar o processo de ensino e aprendizagem tal qual aquele anterior aos anos de 1980. Segundo ele, é um retrocesso, pois se anula o trabalho de superação do conhecimento estático que transformou a dinâmica da leitura e escrita na sala de aula como principal atividade e os sujeitos capazes e com coragem de escrever o que pensam.

Com essa perspectiva, Geraldi (2020) conclui, substitui-se o ato de ler e escrever por um ensino a cada quinze dias de um novo gênero, o que contraria a própria teoria que supostamente o adota, tendo em vista que o gênero se aprende na esfera de comunicação que se está vivendo e dentro de uma prática social. Na sua visão, para o ensino da língua escrita, deveria retornar para sala de aula a leitura de literatura, com a possibilidade de uma discussão dos temas abordados e que as obras literárias fossem de livre escolha de cada estudante. E quanto à escrita? Ela seria consequência desse intenso processo de leitura e debate. E quanto aos gêneros? Certamente, cada obra e as reflexões em torno de suas ideias-chave apontariam aqueles mais apropriados para sistematizar um dado conhecimento, para comunicar, para informar, para problematizar etc.

3 Considerações Finais

Para finalizar, ante essas contribuições teóricas e metodológicas referentes ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita ora apresentadas, em uma sala de alfabetização e letramento, ratifico a “aula como acontecimento” (GERALDI, 2010) fundamentada numa “pedagogia da autonomia” (FREIRE, 1996), portanto, exige planejamento das sequências didáticas que comporão o conjunto das atividades pedagógicas de um dado plano de aula (LIBÂNEO, 2013).

Em relação à sequência didática com foco na perspectiva dos gêneros textuais, notadamente aquela dos professores da Universidade de Genebra, é mais um plano de voo, que haverá de ser usado em situações específicas, com fins específicos e sem se constituir a única rota para os tripulantes, pelas razões que já conhecemos. Entre elas, provavelmente causará fadiga e indisposição para aprender a ler e a escrever entre os que estiverem a bordo, o que resultará, sim, em retrocesso para a área de ensino de língua escrita, alfabetização e letramento.

Referências

- ARAUJO, L. C. Brincar com a linguagem: educação infantil “rima” com alfabetização? **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. esp. 4, p. 2325-2343, 2016. E-ISSN: 1982-5587. DOI: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n.esp4.9196>
- BAZZO, Jilvania L. S. A didática na relação universidade-escola: alguns apontamentos sobre a formação docente. In: SOUZA, A. R. B. (Org.); et al. **Anos Iniciais do Ensino Fundamental: estágio curricular supervisionado e formação docente**. Florianópolis: Insular, 2020, p. 271-290.
- BAZZO, J. L. S. Por uma poética decolonial no ensino superior: contribuições da didática na formação de professores(as). **Revista Pedagógica** (Chapecó. Online), v. 21, p. 115-130, 2019.
- BAZZO, J. L. S. **Didática, alfabetização e sequência didática**: uma conversa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LUZ2_MaVQk8&lc=UgxIJbyXVnNkZfhvZ9N4AaA_BAg. Acesso em: 29 de julho de 2020.
- BAZZO, J. L. S. A oralidade na formação linguística do professor alfabetizador. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 1, 55-75, jan./abr. 2015. <http://www.perspectiva.ufsc.br>, <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n1p55>
- BAZZO, J. L. S. e NHAMPOCA, E. A. C. Didática da leitura e da escrita: ou para construir conversas sobre estrelas. **Revista @Redoc**. Rio de Janeiro, v. 3, n.3, p. 316-328. Set/Dez 2019. ISSN 2594-9004. <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.45433>
- GERALDI, J. W. **Entrevista com João Wanderley Geraldi no Canal Papo na Lata**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPfpFa3yyjQ> Acesso em: 28 de julho de 2020.
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção na sala de aula)
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e Linguagem)
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas/SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)
- FARACO, C. A. **Oralidade**: um processo vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hioTkSqFg3E> Acesso em: 23 de julho de 2020.
- FIORIN, J. L. **Língua, discurso e política**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jj-EkExirbs> Acesso em: 20 de julho de 2020.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. O planejamento escolar. In: LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 245-273.
- OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

- ROJO, R. **Projeto Leitura Digital** - Aspectos teóricos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CwQI5vevbE> Acesso em: 10 de julho de 2020. (Canal Leitura Digital em Sala de Aula)
- ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRFrh3z5T5w> Acesso em: 31 de julho de 2020. (Programa Escrevendo o Futuro - Parte 1)
- ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uj4gNjksb88> Acesso em: 31 de julho de 2020. (Programa Escrevendo o Futuro - Parte 2)
- SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Royo e Glaís S. Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.
- SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2017.
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**: teorias e práticas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=UnkEuHpxJPs&feature=emb_logo. Acesso em: 01 de agosto de 2020. (Canal da ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística)